

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

- 7 HEIDEGGER E A INTERNET DE TODAS
AS COISAS: PARA ALÉM DA CONCEPÇÃO
MIDIÁTICA DA COMUNICAÇÃO
- 7 I. Em busca de uma linguagem: repensar a
comunicação na época da informação
- 11 II. Para além da linguagem do Ocidente:
o pensamento depois do ser e da metafísica
- 19 III. A técnica como essência e destino do homem
- 28 IV. Depois da técnica e da mídia

SEGUNDA PARTE

- 33 A QUESTÃO DA TÉCNICA

TERCEIRA PARTE

- 99 VIDA E OBRA: BREVE CRONOLOGIA

PRIMEIRA PARTE

HEIDEGGER E A INTERNET DE TODAS AS COISAS: PARA ALÉM DA CONCEPÇÃO MIDIÁTICA DA COMUNICAÇÃO

Massimo Di Felice

Centro Internacional de Pesquisa Atopos USP

I. EM BUSCA DE UMA LINGUAGEM: REPENSAR A COMUNICAÇÃO NA ÉPOCA DA INFORMAÇÃO

Nos contextos hiperconectados da nossa contemporaneidade, o processo de digitalização assumiu formas ecológicas, expandindo seu impacto e sua atuação da esfera informativa para as dimensões habitativas. A aplicação de etiquetas, nos objetos e em todos os tipos de superfícies, capazes de transmitir informações na *web* (*internet of things*), assim como a disseminação no ambiente de sensores capazes de dar voz aos rios,

às árvores, às camadas de gelo e aos diversos tipos de biodiversidade, transformou a internet em um conjunto de redes complexas aptas a conectar entidades e superfícies diversas. A consequência de tais novas arquiteturas comunicativas é a construção de ecossistemas interativos e inteligentes. Essas novas arquiteturas de redes conectivas, mais do que “produzir” transmissão de informações, produzem ambientes, ecologias conectivas, expressões de uma condição habitativa que permite a troca informativa entre os diversos membros de um ecossistema-rede.

Mais do que em mídias, meios ou ferramentas, a forma comunicativa criada pelas últimas gerações de redes baseia-se na construção de ambientes e arquiteturas de redes que criam condições habitativas comunicantes entre superfícies, dispositivos, dados, algoritmos e entidades diversas (*internet of everything*).

Pensar a comunicação em rede, portanto, significa não interpretar mais o conjunto de interações apenas como uma troca de mensagens, mas como o compartilhamento de um

habitar comum, informativo e complexo, não mais dizível apenas como um diálogo entre humanos e meios tecnológicos. A complexidade das interações nas arquiteturas de redes contemporâneas obedece às propriedades das formas ecossistêmicas próprias dos ambientes vivos nos quais cada membro, seja mineral ou vegetal, constitui-se a partir das interações com os demais organismos. A qualidade de tal forma comunicativa, mais do que a dimensão dialética “homem-mídia” ou “homem-técnica”, revela as formas de uma complexidade hologramática cuja totalidade não significa a simples soma dos membros, mas na qual cada um desses é composto e formado por todas as informações da rede e do ambiente que habita.

Nesses novos contextos, torna-se necessário repensar a ideia de comunicação para além de seus modelos semiótico-industriais, baseados em paradigmas de fluxos informativos entre entidades comunicantes separadas porque identitariamente distintas (humano, técnica, ambiente etc.).

Pelo contrário, após o advento da internet de “todas as coisas”, do 5G, das formas de inteligências ambientais conectadas, das nanotecnologias e das interações realizadas das biotecnologias nas sequências informativas do DNA, torna-se necessário repensar a ideia de comunicação em uma perspectiva não mais midiática nem tecnológica, não mais como expressão de uma ecologia simplificada e antropomórfica, composta apenas por humanos, mídias e significados, por sujeitos e objetos.

Trata-se de um desafio ambicioso e complexo, análogo ao processo de mudança ocorrido na física a partir do advento da perspectiva quântica – na qual o estudo das partículas subatômicas revelou leis e dinâmicas inexistentes nos fenômenos dos corpos de grandezas superiores. Mas de onde começar? Como pensar e descrever os processos comunicativos para além da perspectiva midiática e para além da dimensão do humano e da técnica?

O primeiro passo é, sem dúvida, a crítica proposta por M. Heidegger à ideia de técnica tal como elaborada pela filosofia ocidental.

II. PARA ALÉM DA LINGUAGEM DO OCIDENTE:

O PENSAMENTO DEPOIS DO SER E DA METAFÍSICA

Como sugerido por G. Vattimo, para Heidegger, “a questão da técnica faz parte da história da metafísica, não é uma questão marginal e deve ser lida a partir da questão do *ser* e da crítica que o filósofo alemão faz à metafísica”.¹

Ao contrário da leitura que depois da Segunda Guerra Mundial tentou aproximar, na Europa, parte da obra de Heidegger ao existencialismo – pondo mais ênfase sobre as questões que mais dialogavam com a filosofia da moda desse período –, uma parte da crítica heideggeriana (E. Levinas, M. Olasagasti, G. Vattimo) preferiu interpretar a contribuição do filósofo alemão à luz da trajetória integral de seu pensamento. Conforme essa segunda perspectiva, toda a produção de Heidegger apresenta-se como um caminho para a busca de uma linguagem que supere o humanismo e a técnica. A partir de

1. VATTIMO, G. *Introduzione a Heidegger*. Roma: Laterza, 1986. Itálico nosso.

tal perspectiva, sua obra adquire o claro e ambicioso significado de superar os pressupostos epistêmicos do pensamento ocidental, pondo em discussão seus principais conceitos: o *ser*, a metafísica, o humanismo e a técnica.

Com *Ser e tempo* (1927), obra que marca a ruptura com seu mestre E. Husserl (do qual havia sido assistente desde 1916, em Friburgo), Heidegger iniciará seu projeto baseado em atribuir ao *ser* uma dimensão não metafísica, em explícito contraste à proposta de toda a filosofia ocidental.

Se, na interpretação dessa última, o *ser* era apresentado como um conceito abstrato, isto é, como uma realidade meta-histórica, em *Ser e tempo* Heidegger busca descrever o *ser* por meio de sua relação com o tempo e o humano, mostrando a intensidade relacional e a dependência da condição comum: “o homem se relaciona ao seu *ser* como a sua possibilidade mais própria”.² Dessa maneira, a condição do homem, mais

2. HEIDEGGER, M. *Essere e tempo*. Milano: Mursia, 1967. Itálico nosso.

do que como uma realidade e uma qualidade objetivas e particulares, expressar-se-ia como uma contínua possibilidade de transformar-se e de superar-se. A existência do homem passa, assim, a assumir o significado da etimologia latina do termo existência (*ex-sistere*, ou seja, “ultrapassar”), que lhe atribui um significado não existencial nem individual, mas mundano e relacional. O humano passa a ser dito, assim, como um *poder ser*, e a sua condição como aquela de um “ser no mundo”.

Ao contrário da tradição do pensamento filosófico e daquele da ciência da época (que encontravam sua própria concepção da realidade a partir da definição objetiva de “objetos” e coisas e da contraposição dessas com o humano), para o filósofo alemão, a única possibilidade de expressar a qualidade do humano e do mundo seria a partir de sua não essência e de suas possibilidades, isto é, a partir de suas relações e transformações ao longo do tempo. A dimensão temporal, dessa maneira, torna-se parte da não identidade e da não essência do humano

e das coisas, impossibilitando, assim, qualquer definição e, conseqüentemente, qualquer atribuição metafísica.

A partir de seu curso de introdução à metafísica oferecido em 1935 (publicado apenas posteriormente), o termo “metafísica” passa a ter em Heidegger um significado negativo. A metafísica representa todo o pensamento ocidental que não conseguiu expressar a relação entre o *ser* e o *ente*, reduzindo o primeiro ao segundo.

Na tradição da filosofia ocidental, tal relação é opositiva e simplificada na medida em que tende a pensar o *ser* como o caráter comum de todos os *entes*.

A separação entre o *ser* e o *não ser*, entre os fenômenos e o *nada*, realizada pela metafísica leva-a a inventar a contraposição entre o *ser* e o *ente*, entendendo o primeiro como abstração e essência pura e o segundo como presença e realidade.

Distinguindo e separando o *ser* do *nada* e do *ente*, a metafísica propõe uma ideia objetiva e definitiva do *ser*, que se torna, assim, um conceito abstrato e reificado, fora do tempo,

assumindo uma forma que inibe sua revelação, suas qualidades e seu desvelamento no tempo.

É nesse sentido que, para Heidegger, a definição metafísica do *ser* comporta, inevitavelmente, o seu ocultamento.

A essa contraposição entre a história do *ser* e a história do homem proposta pela metafísica, Heidegger contrapõe o *Dasein*, o “ser-aí”, isto é, o significado de um *ser* lançado em situação e, portanto, indissociável dos *entes*, dos objetos e dos fenômenos.

À estrutura do pensamento ocidental, baseada no *logos* grego, portador de uma razão classificatória, metatemporal e definitiva, Heidegger contrapõe a arquitetura instável de um pensamento baseado no *Ereignis*, isto é, no “evento”. Nessa perspectiva, o *ser* é evento, possibilidade, e manifesta-se como tal no *ente*, no mundo.

O *ser* nunca é sem o *ente* (o humano) e o humano nunca é sem o *ser*. Nem o homem, nem o *ser* podem ser pensados como entidades “em si”, mas como entidades relacionais, ou seja, dependentes.